

JUVENTUDE E POLÍTICA: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Aluno: Elisângela Ribeiro da Silva
Orientador: Solange Jobim e Souza

Introdução

Observamos uma multiplicidade de formas de ser e agir no contemporâneo. Dessa forma, torna-se impossível falarmos da juventude como uma categoria estanque, definida a partir de critérios fixos, uma vez que várias formas de ser jovem despontam no cenário atual. Se, por um lado, a delimitação etária já não serve mais como parâmetro para a definição dos modos de participação dos sujeitos nos espaços sociais, por outro, a vinculação de jovens a diversos grupos culturais revela a complexidade da sociedade contemporânea e a dificuldade que temos hoje em identificar uma forma paradigmática de um grupo juvenil predominante. Assim, passou-se a empregar com frequência o termo “juventudes” como forma de enfatizar que, ao se tratar de jovens, deve-se reconhecer que esses constituem uma realidade plural e multifacetada. Neste sentido pretendemos privilegiar perspectivas que vêem a juventude não como uma categoria estanque, mas como sujeitos que agem no momento presente, inseridos num contexto social específico, com posturas e modos de subjetivação singulares, que são afetados e afetam o espaço social em que circulam.

Diversos autores (Ribeiro, 2004; Novaes&Vannuchi, 2004; Costa, 2004) apontaram a necessidade de um olhar menos totalizador sobre a juventude, evidenciando a existência de várias juventudes e diversas formas de dialogar com o mundo que despontam na contemporaneidade.

No texto “Política e Juventude: o que fica da energia”, Renato Janine Ribeiro (2004), traz reflexões sobre a perda de prestígio da dimensão política e, ao mesmo tempo, a valorização da juventude nos dias atuais. Por meio de um apanhado histórico, o autor reconstrói a maneira como a "política" foi concebida desde a modernidade até os dias de hoje. Segundo sua análise, a principal razão da falta de interesse atual pela política é que, especialmente nos países mais pobres e nas democracias recentes, os regimes democráticos não obtiveram êxito no quesito promoção social, não conseguindo resolver a questão da desigualdade social, deixada pelos regimes ditatoriais, o que repercute em uma imagem negativa da política, vista como *área desenergizada*, que não consegue cumprir o que prometeu. No entanto, o autor diferencia a participação política da juventude de hoje daquela dos anos 60 e 80. A juventude de hoje não se propõe a romper radicalmente com a ordem vigente, mas abalar seus paradigmas a partir de desvios minoritários.

Costa (2004) também sinaliza para o fato da política poder ser renovada por meio de outras linguagens, novos valores e formas de participação. Cada microcultura irá proporcionar formas específicas de expressão e, como consequência, teremos uma diversidade de movimentos engajados na luta e defesa de seus ideais. Para ele, o surgimento das preocupações ecológicas e o ressurgimento de preocupações políticas na modalidade da responsabilidade social são exemplos de resistência pela força da criatividade.

A pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Públicas (Polis), realizada em 2005, com 8 mil jovens, entre 15 e 24 anos de idade, moradores de sete regiões metropolitanas do

país, demonstrou que 65,5 % dos entrevistados procuravam se informar sobre política, mas sem participar diretamente. Este estudo aponta caminhos diversificados para participação do jovem na vida política, ou seja, em entidades estudantis, organizações não-governamentais, partidos políticos e movimentos sociais, mas também no voluntariado e nas formas autônomas de participação, como em grupos artísticos, musicais, religiosos, etc.

Carvalho (2004) afirma que diferentemente das gerações anteriores, que trazem em sua história a experiência de participação política baseada nos ideais socialistas ante o conflito de classes, a inquietude política dos jovens encontra hoje outro ambiente de recepção. O campo da ação política hoje se apresenta menos nucleado pelo confronto ideológico da sociedade de classes, traz as marcas da redefinição entre as esferas pública e privada, da valorização da cultura, das identidades e do meio ambiente como novos espaço de expressão política. Carvalho (2004) entende a questão ecológica como um campo bastante promissor para a atuação dos jovens na esfera pública. Como percebe a autora, cada vez mais o campo ambiental vem sendo instituído na esfera pública como bem comum, alcançando lugar de destaque na discussão a respeito do futuro da comunidade humana, o que faz com que sejam promovidas constantes negociações entre as esferas pública e privada, permitindo que, por essa via, os jovens possam adquirir, de forma significativa, experiência política. A preocupação com o meio ambiente surge, assim, como novo espaço de participação política dos jovens brasileiros, com o aparecimento de um *sujeito ecológico*. Trata-se de uma transformação não apenas na forma de engajamento político, mas também na maneira de viver e compreender a política.

Sendo assim, a potência de ação e de participação da juventude encontra nesta geração um contexto de recepção atravessado pelas novas configurações da ação política e também seus novos limites.

Objetivos

Dessa forma, como podemos definir as ações e o investimento político da juventude contemporânea tendo em vista o cenário da globalização e do multiculturalismo como experiências que trazem à tona uma multiplicidade de modos de ser e agir dos jovens de vários segmentos sociais?

A pesquisa visa uma aproximação com os jovens de diferentes segmentos sociais, focalizando seus modos de reinventar a política e as práticas de cidadania. Assim, esta investigação tem como objetivo dar visibilidade para as “táticas” e “estratégias” (Michel de Certeau, 1994) de resistência encontradas pelos jovens como formas de superar as dificuldades encontradas em seu cotidiano. Este estudo pretende também contribuir para elaboração de políticas públicas para a juventude que levem em consideração a diversidade de experiências dos jovens na sociedade.

Metodologia

Uma das principais características da metodologia aqui utilizada é a de procurar integrar a produção do conhecimento no campo da pesquisa com a intervenção social, construindo estratégias para reunir, analisar e discutir as narrativas sobre o tema “Juventude e Política” que emergem a partir de uma dinâmica que denominamos “**Oficinas de debate com grupos focais**”, contemplando *grupos de jovens*, entre aproximadamente 18 a 25 anos de diferentes segmentos sociais. Esta pesquisa intervenção tem como propósito organizar um conjunto significativo de depoimentos gravados em vídeo, para posterior análise e edição. A intenção é, além de conhecer a juventude a partir da política como um aspecto da vida social que é constitutivo do sujeito, criar também oportunidades dos jovens se confrontarem com as suas próprias experiências de participação política, além de compartilhar através do debate e

de uma escuta atenta do outro, as infinitas possibilidades de se construir um modo de ser a partir da experiência política.

Todo o material discursivo, produzido a cada oficina de debate sobre este tema será gravado em vídeo para, posteriormente, ser utilizado com novos grupos de jovens, com o objetivo de ampliarmos o debate social sobre a participação política e sua diversidade de possibilidades de manifestação. Deste modo, pretende-se desencadear uma consciência crítica, a partir de jogos de linguagem entre jovens de diferentes segmentos sociais, propiciados pelas “oficinas de debates”, tendo em vista analisar os movimentos de tolerância e intolerância e o respeito pelo outro na contemporaneidade, a partir de um olhar para o cotidiano que nos conduz, em última instância, a uma análise do sentido da ética no mundo atual a partir da experiência política entre os jovens.

A pesquisa como intervenção com grupo focais

A linguagem é elemento central nos processos de constituição do sujeito, da sociedade e da cultura. Na linguagem o sujeito constitui a história de sua época e registra para as gerações presentes e futuras, o que é, o que foi e o que será o mundo e os sujeitos que nele habitam.

As narrativas que se processam no cotidiano trazem à tona questões subjetivas e culturais profundas e abrangentes, além de nos conduzirem a uma reflexão crítica sobre o poder da linguagem para desencadear novas estratégias de ação.

O objetivo das oficinas é deflagrar discursividades alternativas sobre o tema da juventude e os modos de manifestação da participação política em uma dinâmica que envolverá três distintos grupos focais, em sessões com duração média de 60 minutos, para cada grupo separadamente. Os grupos focais representam os seguintes segmentos sociais:

- a) Alunos universitários da PUC-Rio.
- b) Jovens residentes e participantes de movimentos sociais da Maré;
- c) Jovens residentes em condomínios de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Em síntese, nosso objetivo é produzir, a partir das oficinas, um documentário com base nas cenas gravadas durante as oficinas. A intenção desta pesquisa-intervenção tem um duplo sentido: primeiro, a pesquisa propriamente dita, realizada a partir da metodologia com grupos focais, revelando aspectos sobre as representações subjetivas e sócio-culturais sobre a juventude e a participação política em nosso contexto social; segundo, a criação de um material em forma de vídeo-documentário para ser exibido para um público mais amplo. Neste sentido, pretende-se que o público em geral, ao ter acesso ao vídeo-documentário, em um outro momento e contexto diferente do da pesquisa, possa se reconhecer nas vozes dos participantes das oficinas, desenvolvendo uma atitude crítica e reflexiva sobre as questões da produção subjetiva a partir da experiência com a participação política. Portanto, a pesquisa-intervenção, neste caso, tem como propósito criar um material que incentiva a discursividade, o vídeo-documentário, cuja intenção é dar continuidade ao debate iniciado no âmbito do processo da pesquisa, expandindo a abordagem deste tema com outros grupos, em outros contextos sociais e culturais.

A dinâmica das oficinas com grupos focais

Cabe esclarecer o que é um *grupo focal* no contexto da presente pesquisa. Entendemos a utilização de grupos focais como uma técnica de investigação qualitativa, utilizada em pesquisas de intervenção sócio-cultural, cujo propósito é produzir conhecimento sobre um

determinado tema da atualidade e que está presente no cotidiano das práticas sociais. Esta técnica de investigação qualitativa pretende também provocar modos de reflexão e crítica sobre o tema em pauta, desencadeando processos de produção de conhecimento que se estendem do pesquisador para os participantes dos *grupos focais* e vice-versa, daí utilizarmos o conceito de pesquisa intervenção. Nosso propósito é explorar questões relativas ao tema da “Juventude e Política”, buscando uma compreensão das atitudes, valores, idéias e crenças de grupos representativos de determinados extratos sociais. Como veremos mais adiante, tendo por base as narrativas registradas nos debates durante os encontros, será construída uma análise que ao confrontar os diferentes discursos, proporcionará, através do entrelaçamento das narrativas, uma visibilidade mais profunda dos modos como a participação política dos jovens está sendo representada mais amplamente na sociedade e nos sujeitos em particular, constituindo cultura e subjetividades que revelam modos de agir no âmbito das práticas sociais.

A pesquisa com *grupos focais*, de um modo geral, baseia-se na realização de debates provocados por um dinamizador a partir de um estímulo previamente selecionado. A intenção é deflagrar um debate que não busca propriamente um consenso, mas trabalha com a emergência plural de discursos, com opiniões que podem convergir ou se confrontar, deixando vir à tona toda a complexidade do tema trabalhado, incentivando uma postura crítica em que a organização autônoma do pensamento é o elemento chave de todo o processo.

Cabe ressaltar que no âmbito desta pesquisa foi criada uma dinâmica para mediar a exibição de cenas de filmes¹ que apresentam depoimentos de pessoas, em geral jovens, deixando vir à tona o universo afetivo, cognitivo e cultural da personagem, permitindo um confronto com este mesmo universo presente no espectador.

O debate nos grupos focais tem como propósito deflagrar um processo interativo impregnado de reflexão, identificação, posicionamento e exposição que conduza a narrativa para a dimensão dialógica que lhe é inerente, evidenciando a característica alteritária da relação com o outro.

Assim, em cada *grupo focal*, selecionado a partir de traços sociais comuns, serão produzidas experiências discursivas desencadeadas por imagens e narrativas que sedimentarão tanto a especificidade da voz do grupo como um todo, quanto as particularidades das vozes de cada sujeito dentro do próprio grupo. Esta dinâmica, em última instância, permitirá também construir um novo discurso, desencadeado através da tensão entre as vozes dos participantes e as vozes trazidas pelas personagens dos depoimentos gravados em vídeo. Esta abordagem metodológica, através de oficinas que propiciam jogos de linguagem, pretende ser um modo de intervenção que incentiva o desenvolvimento do conhecimento crítico e autônomo no grupo participante. Além disto, expor a pluralidade semântica e semiológica, que emerge quando há interação dialógica entre grupos sociais diversos, traz à tona, justamente, a riqueza dos pontos de vista diferenciados para a constituição da subjetividade. Através dessa abordagem metodológica no campo da pesquisa intervenção é possível também repensar

¹ Filme *Edukators* (Alemanha, 2004) *Direção:* Hans Weingartner, *Roteiro:* Katharina Held e Hans Weingartner e *Produção:* Antonin Svoboda e Hans Weingartner.

Mini-série “Anos Rebeldes” exibida pela TV Globo (1992), escrita por Gilberto Braga e dirigida por Denis Carvalho.

Vídeo de circulação restrita, realizado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) durante uma manifestação contra o “Caveirão” em abril/2006.

novas perspectivas educacionais, com vistas à constituição de uma visão de mundo que fundamente as práticas sociais pautadas na solidariedade e no respeito às diferenças.

Conclusões preliminares

Os principais resultados atingidos até o presente momento dizem respeito à elaboração teórica sobre questões relativas à juventude contemporânea, a partir da leitura de autores especialistas no assunto no contexto brasileiro, tais como constam das referências bibliográficas. Neste sentido, temos observado a partir de nosso trabalho de campo preliminar, que a juventude atual não se propõe a romper radicalmente com a ordem vigente, mas a provocar ruídos nela, abalar seus paradigmas a partir de desvios minoritários, menos gerais, porém mais profícuos.

A partir da análise da dinâmica da oficina realizada com alunos universitários da PUC-Rio, foi possível observar que os jovens percebem que os movimentos de participação política, hoje, estão fragmentados. Não existe uma unidade entre os diversos movimentos, cada um luta por causas próprias. Neste sentido, as possibilidades de saída, de participação e de transformação concorrem com a discussão em torno da percepção de como se dá a inserção social desses indivíduos na sociedade de mercado. Essas soluções, não podem estar descoladas dos diversos fenômenos que aparecem mais amplamente colocados ou instituídos na sociedade, tais como os crescentes avanços tecnológicos e a organização de um mundo em torno da globalização. Só assim, será possível então, um estudo que contemple todo o contexto atual fundamentado majoritariamente no cerne de uma cultura individualista. Para citar Jurandir Freire Costa, transcrevo aqui uma passagem de seu texto “Perspectivas da Juventude na Sociedade de Mercado”: “Não acredito em mudanças pensadas por um só. Mudança é uma questão de prática, de experimentação de muitos ou de todos”. (p.87)

Essa noção de que é necessário um envolvimento mais comprometido com a dimensão comunitária, para que movimentos políticos tornem-se mais profícuos, apareceu no discurso de muitos dos jovens que participaram dessa primeira oficina realizada:

Fernando - “Os movimentos hoje, a impressão que eu tenho é que são meio fragmentados, cada um vai fazer o movimento de acordo com o seu interesse, não vejo certa unidade como o exemplo do vídeo na época da ditadura em prol de alguma coisa. O que eu vejo são certos grupos se juntando e defendendo os seus interesses.”

Alan - “A minha fala reflete um pouco essa questão cultural que a gente vive hoje, do individualismo, então se perde um pouco essa dimensão do bem comum, de uma causa que envolva todos, acho que isso se reflete nesses movimentos, então cada um procura agir por si e talvez essa dimensão do coletivo, do social se perca nesses movimentos, é a impressão que eu tenho.”

Paula - “É uma coisa paradoxal, e a gente que está com o acesso ao estudo , mas ao mesmo tempo que a gente tem o acesso não está nem aí, a gente chega está tudo como está, mas isso é bom para mim, eu vou continuar ganhando dinheiro, o que me interessa é a minha posição no mercado, é pra isso que eu vou lutar .”

No entanto, observamos nos jovens um desejo de participação e ao mesmo tempo uma angústia por não saber os caminhos que devem percorrer. Hoje não temos mais os grandes modelos explicativos que davam conta das nossas angustias em relação ao futuro, o que ficou neste lugar foi um vazio e uma falta de projeto para o futuro.

Paula - “Por mais que algumas pessoas parem e se questionem, elas não estão achando caminhos, não estão tendo resposta, eu sou uma pessoa que estou buscando, mas não estou vendo como. Eu achei um grupo que estava estudando Lênin, Marx, mas aí eu vejo pessoas que falam: isso já foi comprovado que está ultrapassado, mas então como a gente fica?”

Paula - “As pessoas chegam a comentar, chegam a questionar, mas termina ali, estão perdidas, não sabem o que fazer, ou se não é conveniente pra elas, porque ninguém quer abrir mão de certa forma, principalmente a elite não quer sair dali, então eu acho que a revolução se vier vem mais debaixo, outras pessoas vão aderir mais muitas vão continuar na mesma.”

Fernando - “Eu acho que essa questão de uma fragmentação, desses grupos lutarem por causas próprias, por eu não ter vivido esse tempo da década de 60, 70, 80, especialmente no Brasil com a questão da ditadura (...) mas eu acredito que já existia uma luta por uma causa própria, mas acho que hoje isso se acentua, esse modelo é o imperativo, vem de uma forma mais hegemônica. Algumas saídas a gente vai encontrando, vai percorrendo, mais mesmo assim a sensação que me dá é que eu não vejo uma unificação como foi, por exemplo, na ditadura militar, foi uma coisa mais forte que veio de uma maneira muito mais intensa do que a gente vive hoje, inclusive de liberdade física, mas eu acho que vai se encontrando, os jovens vão construindo os caminhos, mesmo que a maioria esteja um pouco perdida, esse não caminho, essa não direção que você toma já é um certo caminho, um certo posicionamento político que você tem frente aquilo que está acontecendo, é uma certa postura ética que você toma perante aquilo que te envolve, talvez alguns digam que o nome disso é alienação.”

As formas de fazer política foi outro aspecto que ficou evidente na fala dos jovens, a sociedade de consumo exige outras maneiras de resistência, o “inimigo” encontra-se menos nucleado, a juventude da década de 60 e 80 encontrou uma estratégia para resistir à ordem dominante, cabe aos jovens de hoje a busca por novos caminhos. Embora muitas vezes o jovem sintam-se abandonado em um vazio de perspectivas, também encontramos aqueles profundamente engajados em causas que dizem respeito a uma coletividade, a um bem comum. A participação em diversos movimentos sociais e Organizações Não-Governamentais surge como uma das possibilidades de fazer política no contemporâneo.

José - “Mas existem ainda hoje jovens que vão lutar por uma causa maior, por uma reforma urbana, pela reforma agrária, enfim por uma maior distribuição de renda, por esse tipo de coisa que na verdade a maioria das pessoas não está se importando muito, mas até hoje existem pessoas que lutam por causas desse tipo.” (...) “Essas alternativas estão presentes até hoje, só que mais setorizadas, até por causa desse individualismo de classe; por exemplo, eu participo, sou apoio de uma ocupação urbana, um grupo de pessoas que não tinham onde morar, pessoal do Movimento Sem Teto. Eles ocuparam um prédio do governo federal em busca de moradia que é um prédio que pertence ao INCRA, ironicamente, Instituto de Colonização e Reforma Agrária, é um prédio que estava desabitado há mais de 21 anos estava sem a sua função social atendida, então algumas pessoas se uniram e ocuparam esse prédio, eu acho que isso é uma coisa totalmente válida, estão na luta, estão na justiça tentando reivindicar esse prédio, acredito que vão conseguir. Vai fazer 2 anos que houve essa ocupação, é só olhar a constituição é um direito social, qualquer moradia precisa ocupar a sua função social, e a função social não está sendo cumprida, é um prédio de três andares abandonado há mais de 20 anos. Essa, por exemplo, é uma dessas lutas, uma dessas soluções que podem ser buscadas, e não apenas essa existem muitas outras.”

Luciana – “A gente tem uma tendência de achar que participação política é só fazer passeata ou partidarismo, eu acho que política é muito mais que isso. Eu assisti ao vídeo e fiquei pensando em que momento eu me identifico com aquilo ali, em que momentos eu participei de uma passeata ou estive engajada em alguma mobilização política, raras vezes na minha vida até hoje; agora em que medida eu estou fazendo política de outra maneira? Eu acho que o jovem não está alienado, ele está fazendo uma outra forma de política. Eu, por exemplo, procurei dentro da minha vida direcionar minha profissão pra uma causa que eu achava interessante, fui usar o meu conhecimento da psicologia em função de trabalhar em espaços populares, em ONGs, eu acho que de alguma maneira estou fazendo política através da minha profissão, é um ato político independente de estar engajada.”

A partir desses depoimentos, estamos buscando caracterizar a participação política dos jovens na contemporaneidade, visando uma aproximação com os diversos segmentos sociais e fazendo emergir, com isso, as particularidades existentes nestes diferentes grupos. Outras questões foram apontadas já nesse primeiro encontro e serão desenvolvidas a partir desta etapa. Vale destacar um aspecto que está sendo analisado, ou seja, a mídia enquanto veículo técnico capaz de dar visibilidade a diversas manifestações culturais e políticas. Este tema surge como um importante tópico de investigação no que diz respeito aos modos de participação política dos jovens na contemporaneidade.

Referências

- ALETTI, M. **A representação de deus como objeto transicional ilusório. Perspectivas e problemas de um novo modelo.** In G.J de Paiva & W. Zangari, org, A representação na religião: perspectivas psicológicas, São Paulo: Loyola, 2004, 19-50.
- AUGRAS, M. **Tolerância: Os paradoxos.** In F. Teixeira, org. O diálogo inter-religioso como afirmação da vida, São Paulo: Paulinas, 1997, 77-91.
- ARENDDT, H. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ARENDDT, H. **A condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAUMAM, Z. **Em busca da Política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 1984.
- BERGER, P. **O dossel sagrado.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- CASTRO, L. R. **Crianças, jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania.** In: Castro, L. R. (org). Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001
- CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREITAS, M. H. de **A religião como parte da vida: cenário atual dos estudos em psicologia,** in Crença religiosa e personalidade, Tese de Doutorado, Brasília: Unb, 2002: 42-56.

JAMES, W. **XVI e XVII Conferências – O Misticismo**, In AS variedades da experiência religiosa, São Paulo: Cultrix, 1995, 237-267.

JUNG, C.G. **A autonomia do inconsciente**. In Psicologia da religião ocidental e oriental, Petrópolis: Vozes, 1983, 7-38.

MELLUCI, A. **“Juventude, tempo e movimentos sociais”**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, número especial, p. 5-14.

NOVAIS, R & VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PERREAULT, J. **Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião**. In: CASTRO, L. R. Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais. I ed. Rio de Janeiro, 2005.

SANCHIS, P. **Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro**. In Fieis e cidadãos - Percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, 9-57.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

VERNANT, J.P. **Para que servem as religiões, Religião e Sociedade**, 9: 65-70, jun. 1983.